

DISCURSOS E EXPERIÊNCIAS ATRAVESSANDO AS INFÂNCIAS BRASILEIRAS

Cintia Lima Crescêncio*

SCHREINER, Davi Félix; PEREIRA, Ivonete; AREND, Sílvia Maria Fávero (Orgs.). *Infâncias brasileiras: experiências e discursos*. Cascavel: Ed. UNIOESTE, 2009.

De pés descalços, imersos no riso despreocupado e pouco afeitos ao saber teórico, jovens e crianças tem passeado pela história, pela sociologia, pela antropologia e pelas demais ciências que se dedicam aos estudos de mulheres e homens, de forma muita mais silenciosa do que se poderia prever, visto que esses sujeitos são corriqueiramente lembrados como barulhentos, apesar da miudeza de seus corpos.

Entretanto, no livro *Infâncias brasileiras: experiências e discursos*, publicado em 2009 pela editora universitária EDUNIOESTE da cidade de Cascavel, no Paraná, esses agentes da história não ocupam um lugar silencioso e invisível, muito pelo contrário. Na obra organizada pelos historiadores Davi Félix Schreiner, Ivonete Pereira e Sílvia Maria Fávero Arend, são as infâncias brasileiras, dentro de sua diversidade rural, urbana, regional, nacional, étnica/racial, etária, classista, generificada, que assumem o protagonismo dos 12 artigos, escritos, em sua maioria, por historiadoras e historiadores, organizados em forma cronológica, partindo do século XVIII até o XXI.

Permeados pelo pensamento de Michel Foucault, que busca inserir o discurso na ordem do significante¹, as autoras e autores dos artigos buscam traçar, na palavra dos organizadores, a partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, a história de sujeitos deixados às margens da história e da própria sociedade, destacando como discursos médicos, estatais/escolares, enfim, discursos disciplinadores, atravessaram as diferentes histórias das infâncias

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista CNPq. E-mail: cintialima23@gmail.com

brasileiras. Para isso, as narrativas são atravessadas ainda pelas experiências dessas infâncias que chegam até a contemporaneidade, por meio de variados documentos.

No capítulo 1, Alcicleide Cabral do Nascimento, ao dissertar sobre a roda dos enjeitados em Recife, na passagem do século XVIII para o XIX, apresenta um apanhado historiográfico sobre o tema abandono de crianças. Daniel Alves Boeira, no decorrer do capítulo 2, dedica-se a discutir, no recorte das primeiras décadas do século XX, sobre a implantação dos patronatos agrícolas em Santa Catarina, com foco no contexto de urbanização e de criminalidade que teriam marcado a primeira república. Já no capítulo 3, Ivonete Pereira apresenta interessante texto que articula o contexto de urbanização, criação de uma ciência eugênica e a tentativa de aplicação desse discurso moderno e eugenista à cidade de Florianópolis nas quatro primeiras décadas do século XX, no que tange a construção de uma boa infância, para a efetivação de uma nova pátria. Nesse mesmo período, no decorrer do capítulo 4, Pedro Vilarinho Castelo Branco elabora uma articulação entre a escrita literária e relatos de infância no que tange às experiências no ensino, traçando meios para mostrar como discursos podem ou não ser incorporados. Sílvia Maria Fávero Arend, ao longo do capítulo 5, explora relatórios dos anos 30 e 40, para apontar como uma série de saberes durante o Estado Novo em Florianópolis, classificavam o menor delinquente e o menor abandonado, tendo como parâmetro a pobreza. No capítulo 6, Maria Stephanou e Marli de Oliveira Costa, fazem um estudo de caso comparando três narrativas religiosas que se ocuparam de santificar uma menina morta com violência na década de 1940, no estado de Santa Catarina.

Já no capítulo 7, Tânia Maria Pereira Vasconcelos faz interessante relação entre as noções de educação, civilização e catequização em uma escola paroquial do sertão da Bahia entre as décadas de 40 e 60. No capítulo 8, Eduardo Silveira Netto Nunes faz uso de rico acervo de fotografias para contar a história de um abrigo de menores de Florianópolis, articulando-o às narrativas de menores, agora adultos, que adornavam as imagens. Ao longo do capítulo 9, Gilka Elvira Girardello e Ana Carolina Dionísio analisam como anúncios publicitários divulgados pelo jornal *O Estado* de Florianópolis buscaram moldar e higienizar corpos infantis entre os anos 40 e 50. No capítulo 10, Emilene Leite de Souza narra sua experiência junto à infância de uma comunidade rural da Paraíba. Davi Félix Schreiner, no decorrer do capítulo 11, aponta os caminhos tecidos pelo MST do Paraná na década de 1990, ao reivindicar a educação de trabalhadores e crianças. Finalizando, no capítulo 12, Patrice Schuch, refletindo sobre os diferentes tipos de abrigos destinados a jovens e crianças na cidade de Porto Alegre, aponta como questões de classe, raça/etnia e gênero determinam quem são os verdadeiros sujeitos de direitos quando o tema é infância e adolescência.

Os 12 artigos, portanto, colocando crianças e adolescentes como sujeitos fazedores de história, fazem amplo uso de fontes para reconstruir traços das infâncias brasileiras. Partindo de jornais, de fotografias, de escritos religiosos, de escritos médicos, de relatos orais, de relatórios, isto é, de indícios, as autoras e autores buscam contar experiências de sujeitos marginalizados pela historiografia, atentando ainda aos discursos que se ocupam de impor limites a essas diferentes infâncias, determinando suas formas de vestir, agir, alimentar, portar e, até, construir a nova pátria.

A riqueza de fontes e a busca indiciária afirmam-se como um dos pontos positivos do livro, que é exatamente o que permite a interlocução entre os discursos e as experiências já trazidas no título.

É nessa interlocução que reside o grande acerto da obra, na medida em que desafia possíveis binarismos que costumam se estabelecer com as categorias discurso e experiência, e propõe um diálogo entre a história social e a história com influência pós-estruturalista. Precisamente nesse diálogo que se consolida a importância do livro, da temática e dos métodos empregados por autoras e autores para colocar a história das infâncias brasileiras em cena, história permeada não só por experiências, mas também por discursos.

Mais do que trazer aos nossos olhos às infâncias brasileiras, o livro tem por mérito o diálogo que propõe entre experiências e discursos, rememorando, não por ligação óbvia, mas por desafio, o debate empreendido pelos historiadores Joan Scott e Edward Thompson, em que a primeira acusa o segundo de não levar em consideração a complexidade dos discursos na formulação do seu conceito de experiência e defende que, mais do que tornar visível a experiência, é preciso relacioná-la aos discursos.²

Considerando esse empenho da obra em dialogar com campos do conhecimento, na maioria das vezes entendidos e aceitos como díspares, além do esforço em trazer a altura dos olhos sujeitos desconsiderados durante a produção do conhecimento histórico, que penso que algumas questões poderiam ter sido melhor trabalhadas ao longo dos artigos, entre elas, destaco um olhar de gênero que permeou algumas escritas, mas que, em outras, poderia ter sido melhor contemplada.

Essa reivindicação está atrelada ao próprio problema central do livro, o de refletir sobre experiências e discursos das infâncias brasileiras, infâncias essas que são atravessadas por problemas de gênero, seja em si próprias, ou em relação, visto que as infâncias estão em diálogo com professoras e professores, religiosos e religiosas, que acabam por reforçar representações de gênero.

Entretanto, diante desta reivindicação, aproveito a oportunidade de fazer uma crítica a partir dos estudos de gênero, ao próprio campo de conhecimento que contempla as relações de gênero como objeto de análise: questiono até que ponto esse campo de estudos tem atentado às infâncias, sejam elas brasileiras ou

não, a partir do ponto de vista dos discursos ou das experiências? Uma rápida busca bibliográfica denunciaria que esse é um tema ainda pouco explorado, apesar de apresentar-se como latente na perspectiva da transformação social.

O livro *Infâncias brasileiras: experiências e discursos*, ao traçar um paralelo e um encontro entre experiências e discursos permite, até mesmo ao leitor que não possui intimidade com o tema infâncias, o contato com diferentes perspectivas de análise, de abordagens, de fontes, e o principal, o ingresso em um mundo pouco considerado pelas produtoras e produtores do conhecimento acadêmico. Nesse sentido, a obra aponta um caminho tortuoso e que ainda está a espera de ser mais profundamente explorado, o caminho percorrido pelas mais variadas formas de infância.

NOTAS

¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 49.

² SCOTT, Joan. “Experiência”. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. p. 27.

Resenha recebida em junho de 2011. Aceita em dezembro de 2011.